

MATERIAL DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA: UMA ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES SÓCIO-CULTURAIS

English Textbooks: an Analysis about Socio-Cultural Relations

Iara Maria BRUZ - FACINTER¹

RESUMO: O livro didático tem uma forte presença em sala de aula e por isso, é importante averiguarmos como seus conteúdos são tratados. No ensino de língua/cultura estrangeira, a representação da cultura-alvo do aprendiz está presente durante as aulas nos materiais utilizados e nos discursos dos professores. Neste trabalho, partindo de uma concepção plural de cultura (Bhabha, 1998; Eagleton, 2005) e da concepção de linguagem do Círculo de Bhaktin; fazemos uma análise sócio-cultural de um material didático sob a perspectiva da interculturalidade. Nossa análise – que se ocupa principalmente das representações de cultura construídas a partir das ações e relações das personagens apresentadas em uma unidade do livro didático de inglês escolhido – indica que essas personagens estão situadas predominantemente nos Estados Unidos. Sabendo que este é um dos países que mais recebem imigrantes, esperava-se que nos livros didáticos apresentassem situações de interação entre norteamericanos e estrangeiros/imigrantes; além disso, esperava-se que alunos e professores pudessem ter acesso tanto ao ponto de vista do norteamericano quanto ao do imigrante acerca dessa relação nativo/imigrante.

PALAVRAS- CHAVE: material didático; interculturalidade, formação.

ABSTRACT: Textbooks have a strong presence in classrooms; this is the reason why it is important to ensure how their contents are presented. In foreign language/culture teaching, the target culture of learners is presented during the classes in the materials which are used and in teacher's speech. Taking into consideration a plural concept of culture (Bhabha, 1998; Eagleton, 2005) and the language concept brought by Bhaktin's Circle; in this article we are going to socio-culturally analyze one textbook under the interculturality perspective. In our analysis, which is mainly meant to check the cultural representations built from actions and relations from characters from the English book chosen, points out these characters are mainly placed in the United States. Knowing this is one of the countries which receives immigrants the most, it was expected interaction among Americans and foreigners/immigrants. Besides, it was expected students and teachers to be able to access Americans' and immigrants' points of view about the relation native/immigrant throughout the book.

KEYWORDS: textbooks, interculturality, formation.

Neste artigo encontra-se uma análise de um livro didático de língua inglesa, utilizado no Brasil. Dentre diferentes meios de contato com a língua inglesa encontra-se um elemento estruturado e sistematizado: o livro didático (doravante LD). Muitos

¹ Mestre em Educação pela UFPR, docente na FACINTER, Curitiba, Paraná.

alunos que estudam esse idioma têm um de seus primeiros contatos com a língua/cultura-alvo através do LD. Por essa razão, é relevante averiguar como os livros apresentam seus conteúdos. De acordo com uma metodologia qualitativa, neste trabalho foi analisado um LD para serem averiguadas as noções de cultura/interculturalidade e de linguagem que orientam o processo formativo dos alunos. O objetivo deste estudo é verificar se os possíveis personagens imigrantes encontrados e analisados apresentam características individuais que representam pessoas que poderiam ser reais, ou se esses são apresentados como sujeitos estereotipados - com falas abstraídas da realidade.

Numa primeira etapa, foi feita leitura teórica sobre cultura e linguagem. Para essa análise foram escolhidos conceitos de cultura que serão baseados em Terry Eagleton(2005) e Homi Bhabha (1998). Também será utilizada a teoria de linguagem sob a perspectiva do Círculo de Bakhtin².

Numa segunda etapa do trabalho, foi selecionado o LD. Foram escolhidos livros que possuem como cenários um país com grande número de imigrantes e de visitantes estrangeiros: os Estados Unidos. Nossa escolha foi o *Touchstone 2 Student's book* (2005). Por ser um livro de uma editora estrangeira e ter consultores do mundo todo, espera-se que as representações sócio-culturais estivessem representadas de forma que abrangesse todas as culturas vivendo nos Estados Unidos (acreditamos que este seja o país cenário para os personagens).

Através da análise do material didático e, mais especificamente, da análise do contexto sócio-cultural presente no LD, foi feita a tentativa de apreender como a cultura estrangeira à americana está representada nesta unidade específica. Para isso, os personagens que claramente se identificam como estrangeiros ao país norteamericano forma os objetos de estudo.

Este livro possui 12 unidades no total e três revisões. Deteremo-nos na unidade 5, *Growing up*, na qual encontramos personagens com indícios claros de que não são norteamericanos. O assunto da unidade é sobre memórias de infância, escola e época de adolescência. Outros personagens, que se autoafirmam como estrangeiros aparecem apenas na unidade anterior, na qual o assunto é *Celebration*, porém nesta unidade 4, os

² Segundo Faraco (2009), o termo Círculo de Bakhtin é usado para se referir aos escritos diferentes autores, de “diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais” (FARACO, 2009, p. 13), incluindo Mikhail M. Bakhtin e Valentin N. Voloshínov que mais nos interessam no presente estudo. A denominação Círculo de Bakhtin “foi-lhes atribuída *a posteriori* (...). A escolha do nome de Bakhtin, neste caso, é plenamente justificável, tendo-se em conta que, dentre todos, foi ele quem produziu, sem dúvida, a obra de maior envergadura.” (FARACO, 2009, p. 13).

personagens são mencionados mais brevemente que na unidade posterior e por isso nos deteremos na personagem que interage mais com outros. Os personagens do Touchstone 2 (doravante TS2), não possuem uma história e conexão com personagens de outras unidades. Os personagens aparecem apenas uma vez, em cada assunto que é tratado e não aparecem mais.

Consultando o site oficial do governo norteamericano de censo de 2000, podemos constatar que existem áreas naquele país em que a população falante de outra língua que não o inglês em suas casas é relevante; chegando a 42% em estados, como o Texas. Com esses dados pode-se concluir que além de um número significativo de visitantes estrangeiros, um grande número de imigrantes é encontrado. Assim, podemos averiguar como acontece a representação da parcela estrangeira/imigrante da população, dentro do LD.

VISÃO DE CULTURA

Para apresentar e discutir a perspectiva de cultura que orienta este trabalho, usaremos as definições de Homi Bhabha (1998) e Terry Eagleton (2005).

Eagleton (2005) aborda uma definição de cultura que não é fixa e pronta. Cultura seria o que está em volta e ao mesmo tempo o que está dentro dos sujeitos. Segundo o autor, nenhuma localidade no mundo é capaz de cristalizar sua cultura, ela está sempre em constante mudança. E por isso não podemos nos aprisionar à nossa cultura, pois existem diferentes culturas, cada qual com suas individualidades e que se comunicam entre si. Pertencer á uma cultura, também é fazer parte de um contexto que é aberto e ilimitado. (EAGLETON, 2005, P. 138)

E é principalmente através do contato entre indivíduos de diferentes partes do mundo que as culturas se modificam. Segundo o autor, as culturas são forças tão fortes que modificar a natureza é mais fácil que modificar uma cultura. Represar um rio é possível, já impedir uma cultura de existir não é tarefa possível de se executar. (EAGLETON, 2005, p. 136).

Como indica Eagleton (2005), o que é certo para uma determinada cultura, nunca passou pela mente de outra. O que é dado como certo em um lugar, pode ser o contrário em outro.

Quando culturas diferentes entram em contato, surge um novo sentido. Segundo Bhabha (1998), o mundo não pode mais ser percebido em termos binários, pois as fronteiras de duas ou mais culturas distintas não são observáveis quando coexistem. Ao invés disso, surge um terceiro espaço, um mundo híbrido, no qual não se sabe onde acaba uma cultura e começa a outra. Esta terceira alternativa que surge não inclui separadamente características das culturas que a formaram, esse terceiro espaço passa a ser parte de todas as culturas envolvidas.

Bhabha (1998) ressalta que informações não passam de uma cultura a outra de forma fácil e sem trauma, muitas vezes é preciso um conhecimento cultural para um total entendimento. Segundo Janzen (2005), muitas vezes falta aos alunos de língua estrangeira conhecimento extraverbal, o que podem ser essenciais para darem sentido ao discurso verbal.

Bhabha (1998) afirma que o “problema da interação cultural só emerge nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada.” (Bhabha, 1998, p.63). O autor aborda o colonialismo e indica a existência de culturas distintas (colonizadores e colonizados) que formavam uma cultura híbrida. O colonialismo se torna um ótimo exemplo para ilustrar nossa pesquisa. Os governos daquela época se constituíam através das lentes dos colonizadores que efetivamente estavam nas colônias. Por outro lado, os que escreviam as ordens estavam em seus países de origem, porém quem as lia e as executava estavam vivendo em outra experiência cultural (em um país estranho). Assim todas as ordens eram executadas também em função desta nova experiência, não apenas através dos olhos de governantes - que jamais tinham deixado suas pátrias. Assim, ao mesmo tempo em que alguns povos foram impedidos de se auto-governarem, também foram impedidos de cultivarem a cultura anterior ao da chegada das autoridades colonialistas. Essas autoridades queriam obrigar as colônias a terem uma cultura igual a sua, pois a consideravam uma cultura ideal.

Ainda em Bhabha (1998), são encontradas condições para a compreensão do processo de identificação no período colonial e que podem ainda ser pensados em certas situações da atualidade. A primeira condição é a alteridade. A segunda é o lugar da identificação, um espaço de cisão, pois ser diferente de indivíduos de outros grupos, faz com que tenhamos semelhanças. Por fim, nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito

ao assumir aquela imagem (Bhabha, 1998, p.76). Podemos sempre lembrar que diferentes culturas geram diferentes formas de identidades. Países que recebem muitos estrangeiros/imigrantes se encaixam no que Bhabha escreve:

No lugar da polaridade de uma nação prefigurativa auto-geradora ‘em si mesma’ e de outras nações extrínsecas, o performático introduz a temporalidade do entre-lugar. A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo. O problema não é simplesmente a ‘individualidade’ da nação em oposição à alteridade de outras nações. Estamos diante da nação dividida no interior dela própria, articulando a heterogeneidade de sua população. (BHABHA, 1998, P. 209)

Outro componente presente na discussão em torno da alteridade cultural é a imaginação, que é citada tanto por Eagleton (2005) quanto por Bhabha (1998), e é percebida por esses autores como uma maneira de ir à cultura do Outro. Imaginação tem caráter positivo e é através dela que o espírito pode ter alcance global. Através da imaginação que se constituíam os governos no colonialismo, pois as metrópoles não possuíam informações completas sobre os povos das colônias. Era preciso usar da imaginação para poder escrever as ordens que seriam enviadas para aquele mundo estranho, já que a maioria dessas ordens era escrita por pessoas que não conheciam as colônias. E é principalmente através da imaginação que os alunos brasileiros têm seus primeiros contatos com a cultura/língua inglesa e americana.

O Outro possui papel importante nas interações entre os indivíduos de culturas diferentes, principalmente quando o assunto é a convivência entre imigrantes e habitantes nativos. De acordo com Janzen (2005), o medo do estrangeiro/desconhecido pode produzir negação do outro e assim produzir uma visão etnocêntrica, que produz um discurso unitário (Janzen, 2005, p. 34).

O estranho é visto como inoportuno. Sob esse enfoque, é preciso evitar ver esse Outro de forma homogeneizada, levando ao estereótipo. Só aceitamos o Outro quando negociamos a contradição ou o antagonismo cultural e é exatamente dessa forma que uma visão homogeneizada é evitada.

A visão do Outro é elaborada através de suas próprias experiências, funcionando como lentes. Usando destas lentes pode-se evitar ver o Outro como estereótipo (esta percepção que pode ser baseada na ansiedade e na defesa). De acordo com Bhabha (1998), o estereótipo é “uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo de diferença, constitui um problema para a

representação do sujeito em significações." (1998, p.117). Isso era válido para o período colonial e continua sendo válido hoje.

Essa reflexão em torno da questão cultural tem como objetivo estabelecer fundamentos para a análise da representação dos imigrantes/estrangeiros, bem como, das relações desses com os personagens arquétipos da sociedade americana - presentes no livro didático pesquisado.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Freitag (1989) alerta que infelizmente muitos professores não utilizam o livro didático como instrumento de trabalho auxiliar na sala de aula, mas como autoridade máxima. O que o livro apresenta é o que os professores repassam aos alunos, muitas vezes sem convidá-los a terem uma visão crítica. Por isso, é importante que esse instrumento tente retratar a realidade de uma maneira que convide alunos e professores a refletirem sobre a língua e sobre a cultura alvo. Segundo a autora, Freitag (1989), "até agora são poucos os críticos da ideologia do livro didático que se dão conta de que a ideologia está implícita também, e talvez mais radicalmente, na forma de apresentação do livro" (Freitag, 1989, pág.85)

Forquin (1993) defende a importância de não se separar cultura e sala de aula, pois cultura é mediadora da educação, portanto abstrações devem ser evitadas. No ensino de línguas o conteúdo deve ser contextualizado com exemplos autênticos. Para isso, os personagens dos livros didáticos servem de mecanismo de ajuda e, para serem elementos que ajudem, precisam ser verossimilhantes. Muitos alunos de língua estrangeira têm o primeiro contato com a cultura alvo em sala de aula e isso é um indicador da relevância do que é mostrado durante as aulas, inclusive nos livros.

Cultura e língua devem ser vistas como indissociáveis, uma não existe sem a outra. O ensino de língua estrangeira deve trazer isso na prática e cultura e língua devem ser vistas como partes de um todo. Segundo Kramsch (1993), existem algumas dificuldades no ensino de línguas estrangeiras. Uma delas é o conflito que pode acontecer no contato de duas culturas diferentes. Se cultura e língua são separadas, apenas regras gramáticas e vocabulários abstraídos serão ensinados.

Como já foi mencionado, para este estudo, foi escolhido um livro que têm como pano de fundo de suas lições os Estados Unidos. Podemos afirmar isso, pois os

locais mencionados pelos personagens são quase sempre nesse país, a não ser que o tema seja viagens. No livro mencionado, *Touchstone 2 Student's* (2005), são encontradas fotos e figuras de cidades americanas quando os temas não se referem à viagem, como Seattle, Nova Iorque, São Francisco, etc.

O livro escolhido é destinado tanto a adolescentes como para adultos. Numa pesquisa informal foi constatado que este livro é usado em escolas de idiomas e redes particulares de ensino fundamental e médio da cidade de Curitiba. Na unidade analisada (Unidade 5, *Growing up*), alguns personagens que se identificam como estrangeiros são encontrados, como veremos mais detalhadamente a seguir. Ao todos são nove personagens que interagem de alguma forma (não são apenas figuras ilustrativas), destes quatro são estrangeiros e cinco norteamericanos³.

A primeira é Ling que se apresenta como brasileira, nascida em São Paulo e descendente de pais chineses, vindos de Hong Kong. Essa personagem está conversando com outro personagem (como o menino não indica sua nacionalidade, assumimos que ele seja norteamericano). Ling explica que fala chinês em casa, que só aprendeu a falar inglês quando começou a freqüentar a escola, e que ainda fala um pouco de português. Eles estão na cidade americana de São Francisco e Ling comenta que já morou em Seattle. Esta personagem é um exemplo positivo para a diversidade cultural existente nos Estados Unidos. Ela representa os imigrantes que estão há muito tempo no país. Podemos afirmar que ela tem uma formação híbrida, com tantas culturas presentes.

Infelizmente, não temos informações sobre Ramon, o amigo com quem Ling conversa. Este nome tem origem latina, mas não podemos afirmar que ele seja estrangeiro, imigrante ou intercambista. Porém, também não podemos afirmar que ele seja norteamericano. Assim, não sabemos se a personagem Ling está interagindo com um nativo ou com outro estrangeiro, afirmando a tendência que alguns LD têm de mostrarem estrangeiros afastados dos norteamericanos, só interagindo com pessoas de outros países.

Apesar de Ling ser um exemplo de uma pessoa que carrega em si a diversidade cultural de diversos lugares, não temos acesso a suas impressões sobre os países em que morou e sobre o país que atualmente mora. A personagem não faz comparações para sabermos se houve algum tipo estranhamento e se ela teve dificuldades em se adaptar. O

³ Qualquer personagem que não indica sua nacionalidade, assumimos que sejam estrangeiros nos Estados Unidos.

que também acontece nas outras unidades. Isso pode trazer uma ideia simplista das relações entre diferentes culturas.

Nesta mesma unidade, porém em outra parte da unidade 5, encontram-se quatro personagens falando sobre as línguas que aprenderam na escola (p. 46). Desses quatro, três são estrangeiros: uma japonesa, uma polonesa e um nigeriano; e um norteamericano. Cada um faz um relato sobre as línguas mais procuradas para serem aprendidas em seus países e logo em seguida temos o nome das suas cidades: Tokio, Warsaw, Lago e Los Angeles.

Apesar de sabermos que três desses personagens são estrangeiros, não temos nenhum indício que esses eles estejam morando fora de seus países de origem. Temos a impressão que eles estão relatando de suas cidades. Aqui podemos fazer um comparativo sobre o aprendizado de língua estrangeira em diversos países, porém, esses personagens não servem para exemplificar o contato entre diferentes culturas. Com exceção do personagem norteamericano, que relata de Los Angeles, que diz: “Existem muitos falantes de espanhol por aqui, então é útil”⁴(2005, p.46). Com essa fala o que colocamos anteriormente confirma-se, existem estrangeiros morando nos Estados Unidos. Porém, essa fala pode criar a imagem de estrangeiros isolados que não aprenderam inglês, como pode acontecer com a personagem Ling, que é brasileira e aparentemente fala inglês fluentemente (como já foi mencionado anteriormente).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de línguas estrangeiras deveria ser estruturado com exemplos de práticas sócio-verbais concretas, com exemplos reais, de preferência que façam parte do mundo do aluno. Se essa prática acontecesse na sala de aula, ajudaria alunos a criarem um vínculo entre a sua realidade e o conteúdo aprendido.

Considerando que o híbrido é formado quando duas culturas convivem é difícil pensar em separá-las. (Bhabha 1998). Em relação ao LD analisado neste estudo, há uma separação das culturas quando apenas uma delas é considerada relevante e, nesse caso, a estrangeira aparece superficialmente. Com exceção de uma personagem (Ling, brasileira, que resido nos Estado Unidos), não temos acesso às origens dos personagens. Eles são abstraídos do contexto e assim não podemos fazer nenhuma reflexão profunda sobre o contato entre diferentes culturas que acontece nos Estados Unidos. Já nos

⁴ there are a lot of Spanish speakers around here, so it's kind of useful

diálogos os personagens conversam apenas sobre generalizações - assuntos do senso comum - não permitindo aos alunos conhecer mais profundamente seus costumes e valores.

Bakhtin (2003) explica que o outro sempre está presente na comunicação. Além disso, “é importante indicar que as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais de sujeitos localizados historicamente.” (Janzen, 2005, p.51). Infelizmente, neste estudo encontramos personagens que não estão localizadas historicamente. Os indícios que temos são apenas para nos dizer de forma superficial de que país são os personagens estrangeiros, mas nenhuma outra informação que ajude a identificar a ligação deles com os Estados Unidos e muito menos suas opiniões sobre aquele país.

Além disso, não temos, na unidade do livro analisada, a visão do estrangeiro sobre os Estados Unidos, ou seja, o estudante de língua estrangeira não tem acesso às impressões dos imigrantes daquele país ou, nem mesmo, as impressões dos turistas, sendo que a presença de estrangeiros é evidente, fazendo parte da cultura americana. É importante para o aluno de língua estrangeira conhecer essa influência e saber qual a visão dos imigrantes sobre o país onde residem. Porém, o que é apresentado aos alunos é apenas uma imagem superficial.

No livro que foi escolhido para análise, quando os estrangeiros estão representados por personagens, esses nem sempre correspondem à realidade. Parece-nos ser uma representação tradicional de cultura. Segundo Janzen, “fundamentada nestes eixos, uma visão tradicional de cultura implica a busca do apagamento das diferenças sócio-culturais, de modo a propiciar uma homogeneização do grupo.” (Janzen, 2008). E como já indicamos antes, a homogeneização deve ser evitada. Isso, muitas vezes, leva o aluno a pensar em estereótipos e generalizações. Mesmo os personagens que fogem a essa caracterização generalizante, são descontextualizados, não representam pessoas de verdade. E por fim, poucos personagens estrangeiros interagem com norteamericanos, na unidade analisada. Mesmo com a interação, nunca temos acesso às imagens e contrastes das culturas que se encontram. Esse encontro sempre parece ser algo pacífico e harmonioso.

O professor pode levar seus alunos a uma reflexão sobre a questão cultural (diversas culturas vivendo lado a lado), mesmo que o LD não traga essa discussão.

Porém, ele primeiro precisa estar alerta quanto à situação de diversas culturas interagindo no país que serve de pano de fundo para tantos LD.

REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- EAGLETON, T. *A ideia de cultura*. São Paulo: editora Unesp, 2005.
- FREITAG, B.; COSTA, W. F.; MOTTA, V. *O livro didático em questão*. São Paulo, Cortez, 1989.
- FOURQUIN, J. *Escola e cultura. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento*. Porto alegre: Artes Médicas, 1993.
- JANZEN, Henrique E. Concepções de cultura e o ensino de língua estrangeira moderna. IN: SCHMIDT, M. A.; GARCIA, T. M. B.; HORN, G. B. (ORG.) *Diálogos e perspectivas de investigação*. 1ª edição, Ijuí: Unijuí, 2008.
- JANZEN, Henrique E. *O Ateneu e Jakob Von Gunten: um diálogo intercultural possível*. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado), USP
- KRAMSCH, C. *Context and Culture in Language Teaching*. Oxford: OUP, 1993.
- U. S. Census Bureau. Disponível em <http://tinyurl.com/6o82lgt>. Acesso em 03/04/2012.

Obra analisada:

- MCCARTHY, M.; MACCARTEN, J.; SANDIFORD, H. *Touchstone 2. Student's book*. Cambridge University Press, 2005